Communicanda 3 / 2026

A VOCAÇÃO DO **IRMÃO REDENTORISTA** NUM ÚNICO CORPO MISSIONÁRIO

Chaves para compreender, promover e renovar a sua identidade e missão

Communicanda 3/2026

A VOCAÇÃO DO IRMÃO REDENTORISTA NUM ÚNICO CORPO MISSIONÁRIO (CONST.2)

Chaves para compreender, promover e renovar a sua identidade e missão

Roma, Curia Generalis, 16 de outubro de 2026

A vocação do Irmão Redentorista num único corpo missionário (Const.2)
Chaves para compreender, promover e renovar a sua identidade e missão

Título original: La vocación del Hermano Redentorista en un único cuerpo misionero (Const. 2)
Claves para comprender, promover y renovar su identidad y misión
Communicanda 3/2026
Prot. nº 245/2026

Projeto gráfico: Ir. Fernando Batista Cordeiro, C.Ss.R.
Diagramação: Pe. Edward Julián Chacón Díaz, C.Ss.R.
Fotografias: I Encontro Internacional dos Irmãos Redentoristas, Roma, abril de 2026 (Scala News)
Quarta capa: São Geraldo Majella e os Irmãos Redentoristas espanhóis mártires

Sumário

INTRODUÇÃO 6

1. A SITUAÇÃO DOS IRMÃOS NA CONGREGAÇÃO 12

2. A VOCAÇÃO DO RELIGIOSO IRMÃO 15

3. A IDENTIDADE DO RELIGIOSO IRMÃO.....16

4. A FORMAÇÃO DOS RELIGIOSOS IRMÃOS 23

5. O MINISTÉRIO PRÓPRIO DOS RELIGIOSOS IRMÃOS NA CONGREGAÇÃO 28

CONCLUSÃO.....32

"Na linha do ensinamento do Concílio Vaticano II, o Sínodo exprimiu grande estima por este tipo de vida consagrada que é o dos religiosos Irmãos, os quais desempenham, dentro e fora da comunidade, diversos e preciosos serviços, participando assim na missão de proclamar o Evangelho e testemunhá-lo pela caridade na vida de cada dia. Com efeito, alguns desses serviços podem-se considerar ministérios eclesiais, confiados pela legítima autoridade. Isto exige uma formação apropriada e integral: humana, espiritual, teológica, pastoral e profissional" (Exortação Apostólica *Vita Consecrata* [1996], n. 60).

INTRODUÇÃO

1. Em 1º de março de 1982, um de meus antecessores, o Pe. Josef G. Pfab, publicou a primeira *Communicanda* 64/1982 à Congregação sobre os Religiosos Irmãos, intitulada *«Os Irmãos Coadjutores em nossa Comunidade Apostólica: Quem são? – O que fazem?»*.

2. Ao celebrar os 300 anos do nascimento de São Geraldo e ao recordar a importância decisiva da presença dos Irmãos na história e na missão redentoristas, publico esta segunda *Communicanda* que não se dirige unicamente aos Religiosos Irmãos, mas também aos sacerdotes, formandos e leigos, como um convite a a*profundar, valorizar e renovar juntos a compreensão desta vocação essencial no único corpo missionário da Congregação*. Esta *Communicanda* tem como *finalidade ajudar a compreender melhor esta vocação e animar os superiores maiores e locais, promotores vocacionais e formadores a assumi-la e promovê-la não como uma exceção, mas como uma expressão natural e constitutiva da vida consagrada redentorista*.

3. Desde as origens do cristianismo, a designação "irmão" identifica aqueles que, em Cristo, reconhecem a Deus como Pai e se acolhem mutuamente na igualdade fundamental dos filhos (cf. Mt 23,8-9; Rm 8,14-17; Gl 3,26-28; Ef 2,19). A fraternidade não é, portanto, um elemento secundário, e sim uma dimensão constitutiva da identidade cristã. Antes de qualquer distinção ministerial, a Igreja é comunhão de irmãos.

4. Historicamente, a vida religiosa masculina surgiu predominantemente como experiência laical, anterior a

qualquer estrutura clerical. Os monges do deserto, as primeiras comunidades cenobíticas e numerosas formas de vida consagrada nasceram como expressões radicais do discipulado batismal. *Os processos históricos de clericalização, compreensíveis em determinados contextos e necessidades pastorais, terminaram por obscurecer, em certos momentos, a originalidade e a visibilidade da vocação do Irmão.*

5. Desde a fundação da Congregação, em 1732, em Scala, sob a inspiração de Santo Afonso Maria de Ligório, a presença dos Irmãos tem sido constitutiva da identidade do Instituto. Nove dias depois da fundação da nova Congregação, em 18 de novembro de 1732, o Irmão Vito Curzio (1706–1745) chegou a Scala. Foi ele quem imaginou o escudo da Congregação lá mesmo, em Scala (no forno da Casa de Anastácio, até hoje preservado), onde viveu. Também foi o único que permaneceu ao lado de Afonso durante as tribulações dos primeiros anos do Instituto, perseverando até a morte. Do mesmo modo, em 9 de novembro de 1748, Santo Afonso Maria de Ligório enviou Pe. Villani e o Irmão Tartaglione a Roma para solicitar a aprovação da Regra. Foram eles, Villani e Tartaglione (um sacerdote e um irmão), que receberam a Regra recém aprovada de Bento XIV numa audiência privada em 26 de fevereiro de 1749. O mesmo ocorreu com a fundação de São Benno em Varsóvia. Foi São Clemente Hofbauer, junto com Tadeu Hübl e o Irmão Emanuel Kunzmanm (dois sacerdotes e um irmão), que iniciaram a primeira fundação da Congregação fora da Itália, em Varsóvia. Assim se evidencia que desde o início a Congregação nasceu como comunidade missionária apostólica, composta por padres e irmãos, unidos na mesma vocação e na mesma finalidade:

continuar o exemplo do Redentor, anunciando o Evangelho aos pobres.

6. São Geraldo Majela (1726-1755), Irmão redentorista, viveu a sua vocação servindo de diversas maneiras a missão da Congregação (como alfaiate, porteiro, acompanhando os confrades nas missões, visitando as famílias, especialmente os pobres e enfermos, rezando pelas crianças e abençoando-as, pregando retiros para religiosas, oferecendo direção espiritual às irmãs, arrecadando fundos, etc.), com simplicidade, alegria e profunda união com Deus, tornando-se uma testemunha de santidade no cotidiano. *Geraldo encarnou a espiritualidade redentorista na obediência, na humildade e no serviço apostólico, transformando tarefas simples em atos de amor. Sua vida foi marcada por uma oração intensa, confiança na Providência e sensibilidade para com os pobres.* Diante das incompreensões, respondeu com o silêncio e a fidelidade evangélica. Nele a vocação do Irmão revela sua plena dignidade, mostrando que a santidade nasce da configuração com o Cristo humilde e obediente.

7. Ao longo da história, os Irmãos redentoristas desempenharam múltiplos serviços, desde o trabalho doméstico e as profissões, a construção de igrejas e ofícios artesanais, até a colaboração nas missões populares, a administração das casas, a formação técnica, a promoção social, a educação e a presença em lugares difíceis, sendo protagonistas na sustentação espiritual, cultural, técnica e missionária das instituições eclesiais; por isso, reduzir a sua identidade ao âmbito funcional empobreceria a riqueza da sua vocação. Para além das suas tarefas concretas, foram e são consagrados chamados a custodiar e encarnar o

carisma, participando corresponsavelmente na missão comum, mesmo no meio de tensões históricas, perseguições e formas de clericalismo que por vezes os relegaram a um segundo plano. Desde as origens, com Santo Afonso e os primeiros Irmãos, até as sucessivas reflexões dos Capítulos Gerais, foi se aprofundando a compreensão eclesial da sua identidade e da riqueza própria da sua vocação, *reconhecendo o Irmão como uma forma plena e específica de vida consagrada dentro da Igreja, com espiritualidade e missão próprias, seguindo o carisma congregacional, chamado a continuar contribuindo ativamente na obra evangelizadora com fidelidade criativa perante os desafios atuais*.

8. A Constituição 1 afirma que "a Congregação do Santíssimo Redentor, fundada por Santo Afonso, é um Instituto religioso de diversos ritos, missionário, clerical, de direito pontifício e isento, cuja finalidade é 'continuar o exemplo de Jesus Cristo Salvador, pregando aos pobres a Palavra de Deus, como disse Ele se si mesmo: Enviou-me para evangelizar os pobres'". É fundamental compreender isto à luz da Exortação Apostólica *Vita Consecrata*, n. 60: "Distinta é a vocação dos Irmãos naqueles Institutos que são designados « clericais », porque, segundo o projeto do fundador ou então em virtude de uma legítima tradição, preveem o exercício da Ordem sacra, são governados por clérigos, e são reconhecidos como tais pela autoridade da Igreja. Nestes Institutos, o ministério sagrado é constitutivo do próprio carisma e determina-lhes a índole, o fim, o espírito. A presença de Irmãos constitui uma participação diferenciada na missão do Instituto, com serviços realizados tanto no seio das comunidades como nas obras

apostólicas, em colaboração com aqueles que exercem o ministério sacerdotal."

9. À luz deste texto, compreende-se que os Irmãos participam plenamente na missão da Congregação, ainda que de um modo próprio e diferenciado em relação ao ministério sacerdotal. A *missão é a mesma para todos: anunciar a copiosa redenção e proclamar o Evangelho aos pobres; no entanto, as formas de serviço são diversas e complementárias*. Neste sentido, *os Irmãos colaboram ativamente na vida comunitária, nas obras apostólicas e na missão evangelizadora, em comunhão e cooperação com aqueles que exercem o ministério sacerdotal*. Embora a Congregação seja um instituto missionário clerical, porque inclui o ministério ordenado como parte integrante do seu carisma, isto não diminui em nada a dignidade nem a importância da vocação missionária dos Irmãos. Pelo contrário, eles participam da mesma missão redentorista de maneira própria, contribuindo com seus dons e serviços para a vida da comunidade e para o anúncio do Evangelho. Trata-se, portanto, de uma única missão vivida através de vocações complementárias dentro do mesmo carisma redentorista.

10. O Irmão Redentorista é, antes de tudo, memória viva da fraternidade apostólica. Sua presença recorda constantemente que a missão nasce da comunhão e que a autoridade fundamental na comunidade é o testemunho evangélico. Ele encarna, de maneira particular, a dimensão de proximidade, simplicidade e solidariedade com os pobres e abandonados, traços centrais do carisma redentorista, e recorda que a vivência da fraternidade apostólica é um chamado para todos, clérigos e leigos.

11. É comum, nos textos da Congregação, a referência ao *"santo irmão"*. Este conceito continua sendo válido não somente para os Religiosos Irmãos, mas para todo congregado. Todavia, é importante que tal expressão não reduza o Irmão a uma figura meramente decorativa ou funcional. É necessário recuperar uma visão evangélica da santidade encarnada: cotidiana, fiel, silenciosa e profundamente missionária. Assim, nesses quase 300 anos desde a fundação da Congregação, e à luz da leitura dos sinais dos tempos, a compreensão sobre os Irmãos deve ampliar-se e o conceito de santidade reinterpretar-se à luz do carisma, evitando qualquer reducionismo.

1. A SITUAÇÃO DOS IRMÃOS NA CONGREGAÇÃO

12. Nas últimas décadas intensificou-se a preocupação pela diminuição do número de membros e pela falta de clareza a respeito da identidade do Irmão numa Congregação mista. O XXV Capítulo Geral, mediante as decisões 23, 27 e 29, determinou a criação de uma comissão específica para estudar esta realidade e propor caminhos concretos de renovação. O estudo realizado nas diversas Unidades confirmou desafios já percebidos anteriormente e manifestou a urgência de um maior aprofundamento teológico, formativo e pastoral que explicite com maior clareza a identidade e a missão própria do Irmão Redentorista.

13. Entre as principais sombras destaca-se a acentuada diminuição numérica: de 759 Irmãos em 1992 passou-se a

336 em 2020 e a 291 em 2026, evidenciando um declínio constante e preocupante, acompanhado pelo envelhecimento dos membros e a escassez de novas vocações.

14. A identidade do religioso Irmão permanece, em muitos contextos, pouco definida, frequentemente obscurecida por uma visão clerical da vida religiosa que associa a identidade redentorista quase exclusivamente ao ministério sacramental. Esta compreensão repercute negativamente na promoção vocacional, frequentemente marcada por definições "por negação", carência de materiais adequados, limitada visibilidade missionária e apoio institucional insuficiente.

15. Persistem também fragilidades na formação inicial e permanente: ausência de roteiros formativos específicos, predomínio do modelo clerical, escassa presença de Irmãos nas equipes de formadores e insuficiente acompanhamento depois dos votos temporários A isto se soma a herança histórica de funções restritas ao âmbito doméstico ou técnico e a permanência de atitudes clericais que desvalorizam a vocação do Irmão ou a consideram substituível pelos leigos colaboradores, fatores que debilitam o entusiasmo vocacional e comprometem sua vitalidade.

16. Apesar deste cenário desafiador, existem sinais concretos de esperança e renovação. Depois do Concílio Vaticano II, ampliaram-se significativamente os campos de ação dos Irmãos, que hoje exercem ministérios diversificados na formação, na administração, na saúde, na gestão de riscos e

outras áreas especializadas, superando a antiga limitação a tarefas internas. Promove-se a formação universitária e o estudo da teologia, e experiências bem estruturadas, como a desenvolvida no Brasil, que se transformaram em referência para a elaboração de programas formativos específicos. Observa-se também uma participação maior dos Irmãos no âmbito do governo da Congregação, inclusive nos conselhos e no próprio Conselho Geral.

17. A decisão do XXV Capítulo Geral de revitalizar explicitamente a promoção e a formação dos Irmãos manifesta um claro compromisso institucional com a renovação desta vocação, reconhecendo que o aclaramento da sua identidade e sua plena valorização eclesial são condições indispensáveis para o futuro missionário da Congregação.

2. A VOCAÇÃO DO RELIGIOSO IRMÃO

18. A partir de 1Cor 12 e Rm 12,4-8, a vocação do religioso Irmão pode ser compreendida como um dom específico do Espírito ao serviço da comunhão e da missão. São Paulo não estrutura a Igreja segundo categorias de poder, e sim a partir da lógica do corpo: diversidade real de dons, unidade profunda de origem e complementariedade orgânica de funções. "Ha diversidade de dons, mas um mesmo Espírito" (1Cor 12,4). Nessa perspectiva, o Irmão não se define por uma ausência, aquilo que "não é", mas pela positividade do dom que encarna no interior do Corpo de Cristo.

19. À luz desses textos, o Religioso Irmão é, antes de tudo, um carisma suscitado pelo Espírito para a edificação da comunidade. Sua vocação não consiste na ausência de ordenação, e sim na presença de um dom próprio que enriquece o tecido eclesial. Se todos fossem iguais, o corpo perderia sua harmonia e vitalidade (cf. 1Cor 12,17-19). A diferença não é carência, mas condição da comunhão; não é desigualdade de dignidade, mas diversidade de missão.

20. Quando São Paulo afirma que os membros que parecem mais frágeis são indispensáveis (1Cor 12,22), transfere o critério de importância do plano funcional para o plano carismático. O Irmão recorda que, na Igreja, a fecundidade não depende do grau ministerial, e sim da fidelidade ao dom recebido e oferecido. Sua presença impede que a comunidade se reduza a uma estrutura hierárquica ou meramente organizativa, reafirmando sua natureza de mistério de comunhão.

21. "Cada um coloque ao serviço dos outros o dom que recebeu" (cf. Rm 12,6-8). A vocação do Irmão se inscreve nessa dinâmica de serviço generoso, alegre, concreto e fraterno, onde os carismas são vividos como uma responsabilidade compartilhada. Sua missão não é competir, mas complementar; não é substituir, mas edificar; não é buscar espaços de poder, mas manifestar a primazia do amor-serviço.

22. No corpo paulino não há autossuficiência nem isolamento. O Irmão, por sua identidade radicalmente fraterna, revela que a Igreja é, antes de tudo, comunhão missionária. A sua vida consagrada testemunha que toda autoridade cristã nasce do dom recebido e se realiza na corresponsabilidade e no serviço mútuo.

3. A IDENTIDADE DO RELIGIOSO IRMÃO

23. O Concílio Vaticano II, ao recuperar a eclesiologia do Povo de Deus (cf. *Lumen Gentium*, caps. II e VI), devolveu à Igreja a chave hermenêutica adequada para compreender o Irmão não como exceção ou complemento funcional, mas como testemunha qualificada da dimensão laical da vida consagrada. O *Irmão recorda que a consagração religiosa não deriva do sacramento do Ordem, e sim do Batismo, e que o seguimento radical de Cristo é um chamado universal, assumido de maneira específica pelos consagrados*.

24. O documento da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, *Identidade e*

missão do religioso Irmão na Igreja: «E vós todos sois irmãos » (Mt 23,8) [2015] apresenta o Irmão como memória viva de Jesus-Irmão no coração da Igreja-Comunhão e sinal profético da fraternidade que nasce da Trindade. Enraizado no Batismo e aprofundado por uma consagração específica, torna visível o primado de Deus e a dignidade comum de todos os fiéis. Vive o sacerdócio batismal na entrega total, na comunhão fraterna e no serviço aos mais frágeis. A sua identidade não se define por funções, mas por ser mediador do amor de Deus e construtor de comunhão. Integra oração e vida, contemplação e ação, laicidade e sacralidade. A fraternidade que encarna é expressão sacramental da presença do Ressuscitado. Assim, torna-se fonte e fruto da missão, convidando a Igreja a redescobrir sua vocação fundamental: comunhão para a missão.

25. O Religioso Irmão constitui uma expressão específica, plena e necessária da Vida Religiosa Consagrada. *A sua identidade nasce da consagração batismal e se configura como sinal eclesial da fraternidade inaugurada por Jesus Cristo. A sua vocação não se define por oposição ao ministério ordenado nem por categorias de ausência ("não-clérigo"), mas por uma forma própria e integral de seguir a Cristo: ser irmão, inteiramente irmão, testemunhando que, na Igreja, a primazia pertence à comunhão e não à função. Vita Consecrata*, n. 60 afirma: "Segundo a doutrina tradicional da Igreja, a vida consagrada, por sua natureza, *não é laical nem clerical*, e portanto a « consagração laical », tanto masculina como feminina, constitui por si mesma um estado completo de profissão dos conselhos evangélicos. Por isso mesmo, ela tem um valor próprio, independentemente do ministério sagrado, tanto para o indivíduo como para a Igreja".

26. A *Communicanda* 64/1982 oferece uma profunda reflexão sobre a identidade e missão dos Irmãos, afirmando que são redentoristas de pleno direito e membros iguais na comunidade apostólica. A sua vocação não se define pelo que fazem, e sim pelo que são: discípulos consagrados chamados à santidade e ao testemunho da *Copiosa Redemptio*. Inspirada em Santo Afonso, afirma que padres e irmãos formam um único corpo missionário, enriquecido pela diversidade de carismas. Destaca que a sua oração, serviço humilde e fidelidade cotidiana constituem o coração do apostolado comunitário. Finalmente, insiste na promoção e formação adequadas, rechaçando todo clericalismo e reafirmando o caráter essencial e profético da sua presença na Congregação.

27. O documento da *Comissão Geral dos Irmãos Redentoristas* (2020, p. 19-24) reafirma que a identidade do Irmão nasce da sua consagração total a Deus dentro de um único corpo missionário, onde o primado pertence ao "ser" antes que ao "fazer". Como leigo consagrado, vive plenamente os conselhos evangélicos como expressão completa da vida religiosa e testemunho de que o essencial é a especial consagração e a missão (cf. Const. 1). A sua vocação é fraterna, profética e solidária, chamada a tornar visível a comunhão e a servir com caridade concreta em diversos âmbitos apostólicos. Em um mundo ferido, é contemplativo da Palavra e do povo, testemunha de esperança. Com simplicidade e alegria, torna visível a *Copiosa Redemptio* que anuncia.

28. *O Irmão Redentorista é um consagrado que, na Congregação do Santíssimo Redentor, entrega a sua vida a Deus mediante os votos de*

obediência, castidade, pobreza e perseverança. Chamado a seguir a Cristo mais de perto, vive o carisma redentorista na fraternidade, na missão e no serviço, anunciando a copiosa redenção não só com palavras, mas sobretudo com o testemunho de sua própria vida. Assim, a identidade do Irmão pode ser compreendida a partir de três eixos teológicos inseparáveis: consagração, fraternidade e serviço, categoria válida para todos os cristãos.

29. *A consagração do* Irmão remete ao próprio Cristo, o Consagrado do Pai, enviado ao mundo para anunciar a Boa Nova: "Por eles me santifico, para que sejam santificados na verdade" (Jo 17,19). Vivida como aprofundamento da graça batismal, afirma a primazia do ser sobre o fazer, recordando que a fecundidade da missão nasce da pertença radical a Deus e não da função exercida. Ela é resposta amorosa ao chamado de Deus, que nos chama para Ele e para a missão (cf. Jr 1,5; Jo 15,16; Ef 1,4; Rm 14,8). Não é privilégio, mas dom e entrega total. Não é isolamento, e sim pertença radical a Deus que transforma toda a vida em oferenda.

30. *A fraternidade* constitui o núcleo estruturante de sua vocação (cf. Mt 23,8; Jo 13,34-35; At 4,32; Hb 2,11). "Todos vós sois um só em Cristo Jesus" (cf. Gl 3,28). A fraternidade nasce do fato de que temos um só Pai e formamos um só Corpo. O Irmão torna visível uma forma evangélica de relação, fundada não na hierarquia, mas na comunhão, na reciprocidade e na corresponsabilidade. A sua presença questiona modelos autorreferenciais e manifesta que a autoridade na Igreja só se legitima como serviço.

31. *O serviço*, por último, configura o modo concreto de sua missão. Inspirado em Cristo Servo, o Irmão oferece seus dons humanos, espirituais e profissionais para a edificação da comunidade, a animação da missão e a transformação do mundo, em complementariedade com os demais ministérios (cf. Gl 5,13). O serviço é a expressão concreta da consagração e da fraternidade. Quem é consagrado a Deus e vive como irmão, necessariamente serve. "Dei-vos o exemplo para que, como eu vos fiz, também vós o façais" (Jo 13,15).

32. No interior dos institutos religiosos e na vida da Igreja, o Irmão é sinal profético e esperança concreta. É sempre uma memória viva de que a Igreja é, antes de tudo, comunhão de irmãos e irmãs, chamada a superar toda forma de clericalismo e a testemunhar, no coração do mundo, a lógica evangélica da igualdade, da gratuidade e do serviço.

33. Assim, basta ser irmão. A sua vocação é completa, original e necessária para a Igreja de hoje e de amanhã. O carisma não se realiza exclusivamente através do ministério ordenado; pode ser vivido de modo íntegro e fecundo na vocação do Irmão, que manifesta de forma própria a beleza do seguimento de Cristo e da fraternidade apostólica. Neste sentido, todos os congregados compartilham a mesma vocação fundamental: a consagração redentorista. Antes de qualquer ministério específico, somos chamados a viver o carisma na entrega total da vida e no serviço missionário. Alguns acrescentam a esta consagração a vocação sacerdotal, mas a identidade primeira é sempre a de consagrado redentorista, da qual brota o ministério presbiteral.

34. Um jovem, *após um discernimento profundo, livre e maduro, pode reconhecer que está sendo chamado a ser Irmão, encontrando nessa eleição seu modo específico de servir a Igreja. Tal decisão deve ser acolhida e respeitada pelos superiores maiores e os formadores, como expressão autêntica da ação de Deus na vida da pessoa. Obrigá-lo ao ministério ordenado significaria desconhecer a vocação como dom gratuito de Deus e não respeitar a consciência de quem discerne.* A fidelidade ao carisma exige que cada chamado seja acompanhado com liberdade, responsabilidade e profundo respeito à primazia da graça.

35. Em síntese, a identidade do Irmão Redentorista nasce de sua consagração batismal aprofundada na profissão religiosa, e se define, antes de tudo, pelo *ser* antes que pelo *fazer*: é um leigo consagrado, redentorista de pleno direito, chamado a viver a primazia de Deus num único corpo missionário junto aos padres, onde a diversidade de vocações enriquece a comunhão. Memória viva de Jesus-Irmão no coração da Igreja, a sua vocação se articula em três eixos inseparáveis: consagração, fraternidade e serviço que expressam uma forma evangélica de relação fundada na comunhão, na corresponsabilidade e na gratuidade. Não se define por funções nem pelo ministério ordenado, e sim pelo testemunho profético da fraternidade, a vida de oração, a entrega humilde e a participação ativa na missão, tornando visível na comunidade e no mundo a *Copiosa Redemptio*. Assim, a sua vocação é completa, original e necessária: sinal contracultural frente ao clericalismo, construtor de comunhão e testemunha de que a Igreja é, antes de tudo, uma fraternidade para a missão.

Se a vocação do irmão é a base da vida religiosa, como podem alguns afirmar que em sua "cultura" se aprecia a vocação sacerdotal, mas não a do Irmão? O Evangelho está destinado a informar e transformar a cultura, não a cultura ao Evangelho. *Não é este um momento oportuno para que, em algumas unidades da Congregação, se deixe de usar o título de irmão para os estudantes clérigos*? Somos chamados a ser contraculturais e proféticos, promovendo assim essa vocação essencial dentro da Congregação e da Igreja em seu conjunto.

4. A FORMAÇÃO DOS RELIGIOSOS IRMÃOS

36. A *Ratio Formationis Redentorista* (2020) nos números 124-129 apresenta a formação dos Irmãos como um processo específico, posterior à primeira profissão, que deve durar ao menos três anos, vivido numa comunidade formativa e orientado ao amadurecimento integral antes da profissão perpétua e da plena inserção no ministério. Trata-se ainda de um *tempus probationis*, no qual se asseguram o discernimento vocacional e a idoneidade para a Vida Apostólica mediante o acompanhamento dos formadores, a direção espiritual e o acompanhamento psicoterapêutico, orientado para o autoconhecimento e um discernimento honesto ante possíveis limites graves. O objetivo é formar Irmãos capazes de viver com equilíbrio a consagração, a fraternidade e a missão, como testemunhas maduras e competentes do carisma na Igreja e no mundo.

37. A formação articula cinco dimensões integradas: *humana*, favorecendo o crescimento afetivo e a responsabilidade; *espiritual*, cultivando um ambiente orante, direção espiritual qualificada, integração entre fé e estudos e aprofundamento do carisma afonsiano; *comunitária*, promovendo uma vida fraterna madura, corresponsabilidade e formação administrativa; *acadêmica*, garantindo uma sólida preparação bíblico-teológica, conhecimento das ciências humanas, missiologia, interculturalidade e adequada qualificação profissional segundo dons e capacidades; e *pastoral-missionária,* mediante experiências acompanhadas e avaliadas, especialmente em contextos redentoristas.

38. *O que fazer nas situações em que houver apenas um candidato a Irmão e não existe uma estrutura formativa adequada para acompanhá-lo?* Considerando a maturidade do candidato, o itinerário formativo pode ser realizado de maneira interprovincial, numa casa de formação que tenha condições para acompanhá-lo adequadamente. No entanto, quando isto não for possível, pode-se organizar um processo estruturado de acompanhamento, à luz da *Ratio Formationis Redentorista*, do seguinte modo:

a) Garantir ao candidato uma comunidade formativa real, ainda que não haja outros candidatos a Irmãos. A *Ratio* ressalta que o processo deve ser vivido numa comunidade de formação, o que não significa necessariamente a existência de uma casa exclusiva para Irmãos ou de uma comunidade composta unicamente de Irmãos. Neste sentido, é possível realizar o processo formativo numa comunidade redentorista intergeneracional, onde o jovem possa experimentar uma autêntica vida fraterna. Também pode viver-se numa comunidade onde haja estudantes clérigos, cuidando, porém, que o candidato não perca sua identidade como Irmão e seja plenamente respeitado em sua vocação específica. Se não é possível garantir essas condições em nível local, pode-se optar por uma comunidade interprovincial o interconferencial, assegurando sempre a qualidade da experiência comunitária e formativa.

b) Se o candidato está só em sua caminhada vocacional específica, deve-se assegurar um acompanhamento personalizado, organizado a partir dos seguintes

elementos: um diretor espiritual estável; um formador claramente designado; um Irmão de referência que o acompanhe, mesmo se não pertence à mesma Unidade; acompanhamento psicológico regular; e avaliações periódicas do seu processo formativo. Além disso, é indispensável garantir uma experiência comunitária concreta numa comunidade redentorista, assegurando uma vivência autêntica de fraternidade e missão.

c) Em comunidades formativas onde a maioria se prepara para o presbiterado, existe o risco de comparação vocacional, inferiorização e confusão identitária. Por isso, é indispensável aprofundar uma teologia sólida da vida consagrada, especialmente depois do noviciado, recordando que o redentorista é, antes de tudo, consagrado e missionário. A vocação presbiteral integra-se nesta identidade, mas não a substitui nem a hierarquiza. Nas comunidades mistas, em todas as comunidades formativas é fundamental estudar o documento *Identidade e Missão do Religioso Irmão* e valorizar a dimensão laical e o ministério não ordenado. Assim se promove uma compreensão mais madura, clara e complementária da vocação redentorista.

39. A formação contínua e especializada dos Irmãos é essencial para o amadurecimento da sua vocação e para a qualidade da missão redentorista. Não se trata apenas de uma atualização acadêmica, e sim de um processo permanente de crescimento espiritual, humano, comunitário e pastoral. Mediante estudos específicos, capacitação profissional e aprofundamento teológico, o Irmão pode oferecer seus dons com maior competência e liberdade interior (cf.

Const. 90; Est. Gen. 084). *Esses estudos devem levar em conta o carisma congregacional e as necessidades da (Vice)Província, integrados num um projeto que harmonize as aptidões pessoais com as exigências do Instituto*. Deste modo, a Congregação investe não só no desenvolvimento de competências, mas também no fortalecimento de um carisma fraterno, missionário e profético.

40. *É essencial que o religioso Irmão recorde sempre que, antes de tudo, é um religioso consagrado. A sua especialização acadêmica ou profissional não o transforma num profissional liberal desvinculado da comunidade, nem pode situá-lo mais unido à instituição onde trabalha do que à própria Congregação. A competência é um serviço à missão, não um projeto individual. É necessário manter o equilíbrio entre qualificação e pertença, evitando qualquer forma de autonomia isolada. Do mesmo modo, não existem Irmãos de primeira ou de segunda categoria: aquele que vive a sua santidade na sacristia, no jardim ou na horta não é inferior ao que trabalha na universidade, nos meios de comunicação ou na administração. Quando o Irmão perde a consciência de sua identidade religiosa e comunitária, corre o risco de esvaziar espiritualmente a sua vocação. Somente arraigada na consagração e na fraternidade, é que a sua missão permanece fecunda e fiel ao carisma.*

41. Nos últimos tempos, tantos Irmãos jovens têm solicitado a admissão à ordenação presbiteral. Do ponto de vista canônico, isto não apresenta dificuldade jurídica se o candidato age com plena liberdade, possui reta intenção e reúne as qualidades requeridas para o ministério sagrado, e se, além disso, foi considerado idôneo pela autoridade competente (cf. cann. 1026-1039). Ademais, deve constar que o candidato completou a formação teológica requerida

para o acesso às ordens sagradas, segundo o prescrito pelo direito (cf. can. 1032). Todavia, também suscita algumas perguntas: por que este passo? O tempo de formação não foi suficiente para um discernimento mais profundo? Existe alguma pressão para que o confrade seja ordenado? O ministério presbiteral é o único meio pelo qual pode realizar a sua vocação e missão?

5. O MINISTÉRIO PRÓPRIO DOS RELIGIOSOS IRMÃOS NA CONGREGAÇÃO

42. *Convém recordar que os Religiosos Irmãos têm um amplo campo de ação na missão, contribuindo de maneira própria e complementária para o ministério ordenado. O seu serviço não se limita ao âmbito sacramental, mas se expressa especialmente na proximidade ao povo, na inserção na vida cotidiana das comunidades, na escuta atenta, no acompanhamento fraterno e no discernimento espiritual.*

43. Ao longo da história redentorista, como o testemunha a experiência de São Geraldo e de tantos outros, muitas pessoas encontraram nos Irmãos um conselheiro de confiança para compartilhar suas fragilidades e receber consolo e esperança. Assim, podem atuar em diversas áreas da missão que não requerem o exercício do ministério sacramental, vivendo sua vocação como presença evangélica plena, complementária e indispensável no único corpo missionário.

44. Penso que existe uma ampla gama de possibilidades de ação pastoral para os Irmãos. É importante reconhecer que há contextos culturais e eclesiais que valorizam a participação dos leigos, enquanto outros permanecem excessivamente centrados no presbítero. Sem confundir as vocações próprias e conhecendo bem cada realidade, é possível identificar âmbitos em que o Irmão pode atuar com plena fidelidade ao carisma, contribuindo também para ampliar e qualificar o serviço presbiteral nas seguintes áreas:

    a) Na *evangelização direta e no anúncio missionário* os Irmãos podem desempenhar um papel significativo e

complementário na missão redentorista, participando ativamente nas missões populares mediante o anúncio, as visitas às famílias, os encontros formativos, o acompanhamento das equipes e a coordenação logística local. Contribuem na catequese e na iniciação cristã de crianças, jovens e adultos, promovendo a formação bíblica e a alfabetização na fé. Onde a disciplina eclesial o permite, oferecem pregação e testemunho em retiros, novenas e semanas missionárias. Além disso, realizam acompanhamento espiritual não sacramental, oferecendo escuta atenta e orientação a pessoas e famílias.

b) Na *pastoral com juventudes e leigos*, podem exercer uma missão fecunda marcada pela proximidade e espírito fraterno. Atuam na animação e no acompanhamento da pastoral juvenil e vocacional, promovendo o discernimento e a formação de grupos. Contribuem na formação e coordenação de leigos missionários e colaboradores na missão, fortalecendo a corresponsabilidade. Também dinamizam comunidades mediante grupos de oração, círculos bíblicos e pequenas comunidades.

c) Na *promoção humana*, podem assumir um papel profético e transformador na missão redentorista. Atuam em projetos sociais relacionados com alimentação, hospedagem, migração, reinserção social, dependência química, pastoral carcerária e pessoas em situação de rua, tornando concreta a opção pelos mais vulneráveis. Contribuem para a defesa da dignidade humana e a organização de ações solidárias. Sua presença

missionária em periferias, fronteiras, zonas rurais e áreas de risco manifesta a proximidade do Redentor nos "territórios difíceis".

d) Na *formação inicial e permanente* na Congregação, servem nas equipes formativas, contribuindo nas dimensões humana, comunitária, pastoral e profissional. Podem acompanhar os candidatos como Irmãos de referência, fortalecendo a vivência vocacional e a identidade laical consagrada. Colaboram também na preparação para o trabalho missionário, oferecendo formação técnica, profissional e na liderança serviçal.

e) No âmbito da *educação, da cultura e da formação profissional ao serviço da missão*, podem atuar em instituições de educação superior, seminários, escolas e colégios redentoristas, centros de formação, oficinas e cursos profissionalizantes, promovendo oportunidades concretas de desenvolvimento. Contribuem com aulas de música, artes, tecnologia, idiomas e capacitação para o trabalho e a cidadania. Além disso, fortalecem a educação popular e acompanham líderes comunitários, integrando evangelização e promoção humana.

f) Nos *meios de comunicação e evangelização*, atuam em rádio, televisão, internet e redes sociais, produzindo conteúdos evangelizadores, testemunhos e campanhas missionárias. Contribuem na produção audiovisual, desenho, fotografia, edição e gestão de plataformas digitais. Colaboram também na comunicação institucional e na preservação da memória histórica da missão.

g) Na *administração, gestão e sustentabilidade da missão*, podem contribuir na administração das casas, economato, contabilidade e captação de recursos com transparência. Atuam na gestão das obras apostólicas, manutenção, logística, compras e infraestrutura. Oferecem também planejamento e apoio organizativo para as missões e comunidades, garantindo solidez e continuidade ao serviço evangelizador.

CONCLUSÃO

45. Ao concluir essa *Communicanda*, desejo expressar um reconhecimento sincero e agradecido aos nossos Irmãos Redentoristas. De maneira particular, recordamos aqueles que já partiram desta vida, depois de ter oferecido generosamente sua existência ao serviço da Copiosa Redenção. Sua memória não é apenas uma recordação histórica, mas uma herança espiritual que continua fecundando a Congregação.

46. Uma palavra de profunda gratidão aos Irmãos idosos e enfermos (cf. Const. 55). Sua fidelidade silenciosa, perseverada ao longo dos anos, é um testemunho eloquente de que a vocação não se mede pela produtividade, mas pela pertença. *Ser Irmão é pertencer, testemunhar e perseverar até o final. Sua vida proclama que a consagração é um dom que se renova cada dia, inclusive na fragilidade.*

47. Aos jovens que estão em formação e aos que sentem o chamado a serem Irmãos, lhes digo com clareza: não desanimem. A vocação do Irmão é plena, completa e necessária. Na Congregação há lugar para todos os dons que o Espírito suscita. Não existem vocações de segunda categoria, e sim diversas formas de viver a mesma consagração redentorista.

48. É fundamental resgatar a memória histórica da Congregação desde a sua fundação, quando os Irmãos estiveram presentes como membros constitutivos do único corpo missionário. Estiveram no início, permanecem no presente e continuarão enquanto Deus quiser que a

Congregação prossiga sua missão na Igreja. Sem os Irmãos, a história redentorista não estaria completa.

49. Aos Irmãos que vivem este momento histórico da Congregação, dirijo um apelo fraterno: tenham audácia e valentia. Sejam sinal visível da consagração no próprio coração da Congregação e no meio da sociedade. Sua presença é profecia. Sua fraternidade é testemunho. Sua vida é anúncio.

50. Por isso, somos convidados a olhar o passado com gratidão e lucidez, discernindo também os elementos que, em determinados momentos, obscureceram ou enfraqueceram a compreensão da vocação do Irmão. Essa revisão não é uma acusação, e sim uma mudança de olhar. É necessário purificar a nossa mentalidade, superar visões reducionistas e reencontrar o Evangelho como critério fundamental.

51. Redescobrir o carisma através da vocação dos Irmãos é redescobrir a própria identidade cristã e redentorista. *Somos um único corpo missionário (cf. Const. 2), chamados a viver a complementariedade das vocações na comunhão e na corresponsabilidade. Caminhemos juntos como uma Congregação que respira com dois pulmões, sacerdotes e irmãos, deixando correr por suas veias o mesmo carisma, a mesma consagração e o mesmo ardor missionário. Assim, fortalecidos pela fraternidade apostólica, continuaremos anunciando com audácia a Copiosa Redenção ao mundo que mais necessita de esperança.*

52. Ao concluir essa *Communicanda*, reafirmamos com gratidão que a vocação do Irmão Redentorista é plena, constitutiva e indispensável para o único corpo missionário da

Congregação, como sinal profético de consagração, fraternidade e serviço. À luz da Mãe do Perpétuo Socorro, que acompanha e sustenta nossa missão, confiamos o caminho de renovação dos Irmãos com esperança e valentia. Em São Geraldo Majela contemplamos a beleza de uma santidade simples e fecunda, vivida no cotidiano com amor fiel. E veneramos também todos os Irmãos santos, especialmente os anônimos, escondidos nas pequenas tarefas e no silêncio da perseverança, cuja vida continua proclamando, com alegria e discrição, a *Copiosa Redemptio*.

Em nome do Conselho Geral e da Comissão dos Irmãos,

Pe. Rogério Gomes, C.Ss.R
Superior Geral

Ir. Laurence (Larry) Lujan, C.Ss.R.
Conselheiro Geral e Presidente da Comissão dos Irmãos

Roma, 16 de outubro de 2026
Festa de São Geraldo Majela

Original: *espanhol*

Congregatio Ss. Redemptoris